

LEVANTAMENTO DOS ÍNDIOS ARARA
NO MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ - MT

ÍNDICE

	págs.
- Introdução	1
- Histórico	1
- Situação Atual	3
- Conclusões	5
- Anexos:	
Anexo 1: Mapa relativo aos índios Arara do Aripuanã	7
Anexo 2: Mapa relativo aos índios Arara do Guariba	8
Anexo 3: Relação da população Arara recenseada	9
Anexo 4: Vocabulário Arara do Guariba	12
Anexo 5: Vocabulário dos Arara do Aripuanã ..	13
Anexo 6: Fotografias	17

LEVANTAMENTO DOS ÍNDIOS ARARA NO MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ - MT

1. Introdução

A Equipe de Pastoral Indigenista da Diocese de Ji-Paraná vem realizando desde princípios de 1983 tentativas de localização de um grupo de índios arredios que todos os anos surgem às margens do rio Aripuanã, provavelmente provenientes das cabeceiras dos igarapés Pacutinga e Muriru, afluentes da margem direita daquele rio. Para tanto foram realizadas diversas viagens no rio Aripuanã e naqueles afluentes. Tivemos assim a oportunidade de travar conhecimento com algumas famílias dos índios conhecidos por Arara, que hoje habitam ao longo do rio Aripuanã e Guariba, sabendo-se também que muitos deles encontram-se dispersos pelas cidades de Aripuanã (MT), Manaus (AM), Ariquemes (RO), etc.

Diante da dramática situação em que hoje se encontram estes índios - dispersos por toda a região, padecendo tuberculose e outras doenças e, agora, enfrentando a violência dos latifundiários que querem desalojá-los - a Diocese de Ji-Paraná e o CIMI - RO insistiram para que a Equipe de Pastoral Indigenista encaminhasse propostas visando solucionar a problemática vivida pelos Arara. Para tanto, o pe. Manoel Valdez, ir. Antônio Marqui e Denize Regina, membros da referida equipe, realizaram um levantamento, que ora apresentamos, nos meses de setembro e outubro de 1984, visitando os Arara ao longo do rio Aripuanã e na cidade de Ariquemes. Não foi possível visitar os Arara que vivem no rio Guariba e na cidade de Manaus. Entretanto, pudemos contar com informações sobre eles de alguns Arara que vivem em Aripuanã e de moradores de Humaitá - AM.

Através deste relatório, esperamos estar contribuindo para que sejam tomadas medidas visando a assistência destes grupos indígenas e a garantia das terras onde habitam.

2. Histórico

Em seu livro "Desbravadores", o historiador Vitor Hugo (op cit: 1959(2):261-266) assinalou a presença de índios chamados Arara na localidade de Tres Tombos, no rio Branco, que teriam esta

belecido relações amistosas com o seringalista Olegário Vela no ano de 1923, engajando-se desde então na extração de caucho e seringa. Em 1958 somavam menos de 50 indivíduos, que adotaram o nome do "pacificador": Vela. Um outro grupo de índios "mansos" encontrava-se no alto Guariba, segundo informações prestadas ao historiador pelo pároco de Borba - AM, pe. Bento de Souza.

As informações que coletamos entre os Arara atestam a existência de 2 grupos distintos. Um deles teria vindo originalmente das cabeceiras do rio Guariba, enquanto os outros seriam do rio Aripuanã; teriam suas malocas antigamente nas proximidades do Salto Dardanelos (vila de Aripuanã).

Os primeiros contatos no Guariba teriam sido realizados pelo seringalista Pedro Adolfo, através de presentes deixados nas trilhas utilizadas pelos índios. A velha Guilhermina, índia Arara que saiu do Guariba ainda menina pequena, afirmou no entanto que teriam sido os próprios índios que procuraram os seringueiros, pois estavam sendo atacados pelos Cinta Larga e Cabeça Seca. Os índios, em grande número, chegaram na casa de um seringueiro, os mais velhos na frente carregando suas flechas com a ponta para baixo. Mais tarde o dono do seringal levou-os para a localidade Alegria, no mesmo rio, utilizando-os na exploração de borracha desde a colocação Soledade até o igarapé Poção. Ali construíram suas malocas e fizeram seus roçados; seu líder chamava-se Caetano, além de Tibúrcio e Chico Velho que conheciam os remédios do mato. Eram então uns 300 índios, morando em mais ou menos 10 aldeias. Com a morte de Pedro Adolfo, o novo proprietário do seringal, Antônio Aleixo de Moura, expulsou os Arara; alguns deslocaram-se para seringais próximos, enquanto outros voltaram para o mato. Segundo o Arara Nazário, que hoje mora no rio Aripuanã próximo a boca do igarapé Piranha, o sarampo e a varicela dizimaram a maioria da população Arara do rio Guariba (ver mapa: Anexo 2.).

Quanto aos Arara que hoje habitam ao longo do rio Aripuanã, existem duas versões para os primeiros contatos que mantiveram com a sociedade nacional. Numa delas, o seringalista Alexandre Lopes, peruano, que se estabeleceu em 1911 no Salto de Dardanelos (Aripuanã), dominando todo o alto Aripuanã, atraíu os índios e empregou-os na extração de caucho, seringa e castanha. Quando Alexandre

Lopes afastou-se da região, e seus empregados desceram até Campo Grande (AM), os índios seguiram para o rio Branco, afluente da margem esquerda do Aripuanã. Outros acompanharam a esposa de Alexandre Lopes, Valentina, que os levou para Manaus. Os Arara que mudaram-se para o rio Branco eram liderados por Adeca e Orá. este o que conhecia os remédios do mato.

Numa outra versão, os contatos iniciais teriam ocorrido no rio Branco mesmo, onde Olegário Vela empregou os Arara no seringa. Posteriormente estes índios mudaram-se paulatinamente para as margens do Aripuanã (ver mapa: Anexo 1).

3. Situação Atual

A população Arara por nós visitada, num total de 92 pessoas, está distribuída em 16 famílias, ao longo do rio Aripuanã, principalmente. O grupo, como pudemos observar, se apresenta bastante disperso. Ao longo do rio, encontramos 3 famílias morando em Campo Grande, colocação abaixo da extrema AM-MT; outras tres estão acima da extrema, próximo a boca do igarapé Pacutinga. Mais seis famílias estão espalhadas entre Bom Sucesso (sede da fazenda de Marinho Brandão) e o Salto de Dardanelos, hoje conhecido por Aripuanã. Nesta cidade moram 4 famílias, além de outra que encontra-se atualmente no garimpo Natal, distante 40 km.

Outros Arara, com os quais não pudemos fazer contato, moram em Manaus (AM), Cuiabá (MT), Mata-Mata (AM) e São Francisco, perto de Humaitá (AM). Em anexo (Anexo 3) apresentamos uma relação da população Arara recenseada, a qual carece, porém, dos dados demográficos relativos às localidades acima citadas e uma relação nominal das cinco famílias Arara que permanecem no rio Guariba.

Apesar da dispersão imposta a ambos os grupos Arara, somada aos preconceitos e até violência, a maioria deles se percebe enquanto grupo distinto da população regional; outros, no entanto, parecem envergonhar-se de sua identidade étnica. Os aspectos culturais que pudemos observar vêm a confirmar a identificação do grupo indígena, apesar que muitos deles encontram-se casados com "civilizados". Algumas pessoas ainda utilizam eventualmente sua língua materna; outros conservam apenas vagas lembranças da cultura de seus avós. Quanto à língua, foi possível coletar um pequeno vocabulário

da da língua falada pelos Arara do Guariba (Anexo 4); e outro, mais extenso, para aqueles do rio Aripuanã (Anexo 5).

De um modo geral, a população Arara está inserida nas camadas mais pobres da população do beiradão e da vila de Aripuanã. Trabalham como seringueiros, vendendo sua produção e adquirindo mercadorias dos marreteiros a preços aviltados. Os roçados garantem a subsistência básica do grupo - mandioca, macaxeira, milho, cana, fava e frutas. A pesca, inclusive com arco e flecha, tem importância fundamental na sua dieta alimentar.

As doenças comuns na região, como tuberculose e malária, vêm assolando estes índios, causando mortes periódicas entre eles, uma vez que carecem de qualquer tipo de atendimento médico, valendo-se exclusivamente dos remédios do mato que conhecem. Recentemente, o Arara Goncha, pajé do grupo, faleceu vitimado pela tuberculose. Problemas de aborto entre as mulheres e convulsão nas crianças pequenas, são também corriqueiros.

Tanto os Arara do Guariba quanto os do Aripuanã, seguidamente desalojados ou transferidos para atender interesses dos seringais, estão ameaçados novamente de serem expulsos das terras que ora habitam; fazendas e colonizadoras vem apossando-se de extensas áreas de terra na região, expulsando índios e seringueiros. Sem exceção, tratam-se de grilagens ou propriedades com titulação irregular.

Em Campo Grande (AM), o marreteiro Humberto diz-se "dono" do seringal, apesar de não possuir título de propriedade. As terras situadas abaixo do paralelo 10º, no Mato Grosso, são pretendidas por Marinho Brandão, que tenta estabelecer um latifúndio de mais de 1 milhão de hectares, em ambos os lados do rio. Para conseguir seus fins, vem utilizando serviços de jagunços, fazendo ameaças e, inclusive, tendo por vezes mandado queimar casas de seringueiros. Antônio, um morador do beiradão que presta serviço para Marinho Brandão, vigiando a área pretendida, passou um recado para a Equipe, através de um seringueiro, dizendo que "estava proibida a entrada no Muriru e a busca de índios". Certamente teria sido ele também quem ameaçou os Arara Batista, Lourenço e Nazário para que estes não colaborassem no levantamento que nossa Equipe realizava.

Um outro jagunço muito conhecido, Joaquinção, que mora na boca do rio Branco, proibiu ao Arara Sabá de cortar madeira para fabricação de canoas, atividade a que o índio se dedicava. De modo semelhante, o grupo econômico Lunardelli, tenta controlar uma área à margem direita do rio, proibindo aos seringueiros aí estabelecidos derrubar o mato para o plantio de roçados.

Diante destas ameaças os índios e seringueiros mostram-se amedrontados, receando violências maiores; diversas famílias de seringueiros já abandonaram suas colocações.

Registramos também a construção da estrada que ligará Aripuanã a Pannels, passando pela sede de Marinho Brandão (Bom Sucesso). A firma Andrade Gutierrez contratada para a construção da estrada, iniciou as obras em maio deste ano. A estrada incrementará ainda mais a rápida ocupação da região, o que talvez acarrete a expulsão definitiva tanto dos Arara quanto dos seringueiros para a periferia das cidades.

4. Conclusões

A dramática situação vivida pelos Arara no município de Aripuanã (MT), que aqui tentamos esboçar, vem a exigir medidas urgentes que evitem o esfacelamento completo dos dois grupos indígenas.

Pensamos ser urgente que a FUNAI providencie a imediata instalação de um Posto de Vigilância no rio Aripuanã, visando o atendimento médico da população Arara, protegendo-os também das ameaças dos latifundiários que querem expulsá-los da área.

Do mesmo modo, é necessário solucionar em definitivo a questão de suas terras, demarcando uma área para os Arara do Aripuanã e outra para aqueles do Guariba. Algumas famílias Arara manifestaram esperanças de que tal medida venha a ser concretizada. Neste sentido, sugerimos inicialmente, para fins de estudo, as áreas marcadas em vermelho nos respectivos mapas anexos (Anexo 1 e 2)

O presente relatório, apesar de incompleto quanto às informações, visa contribuir para a sobrevivência física e cultural destes grupos indígenas. Colocamo-nos, de qualquer modo, à disposição para quaisquer esclarecimentos complementares, uma vez que a

situação descrita necessita um levantamento mais abrangente e apro
fundado.

Porto Velho, 17 de dezembro de 1984

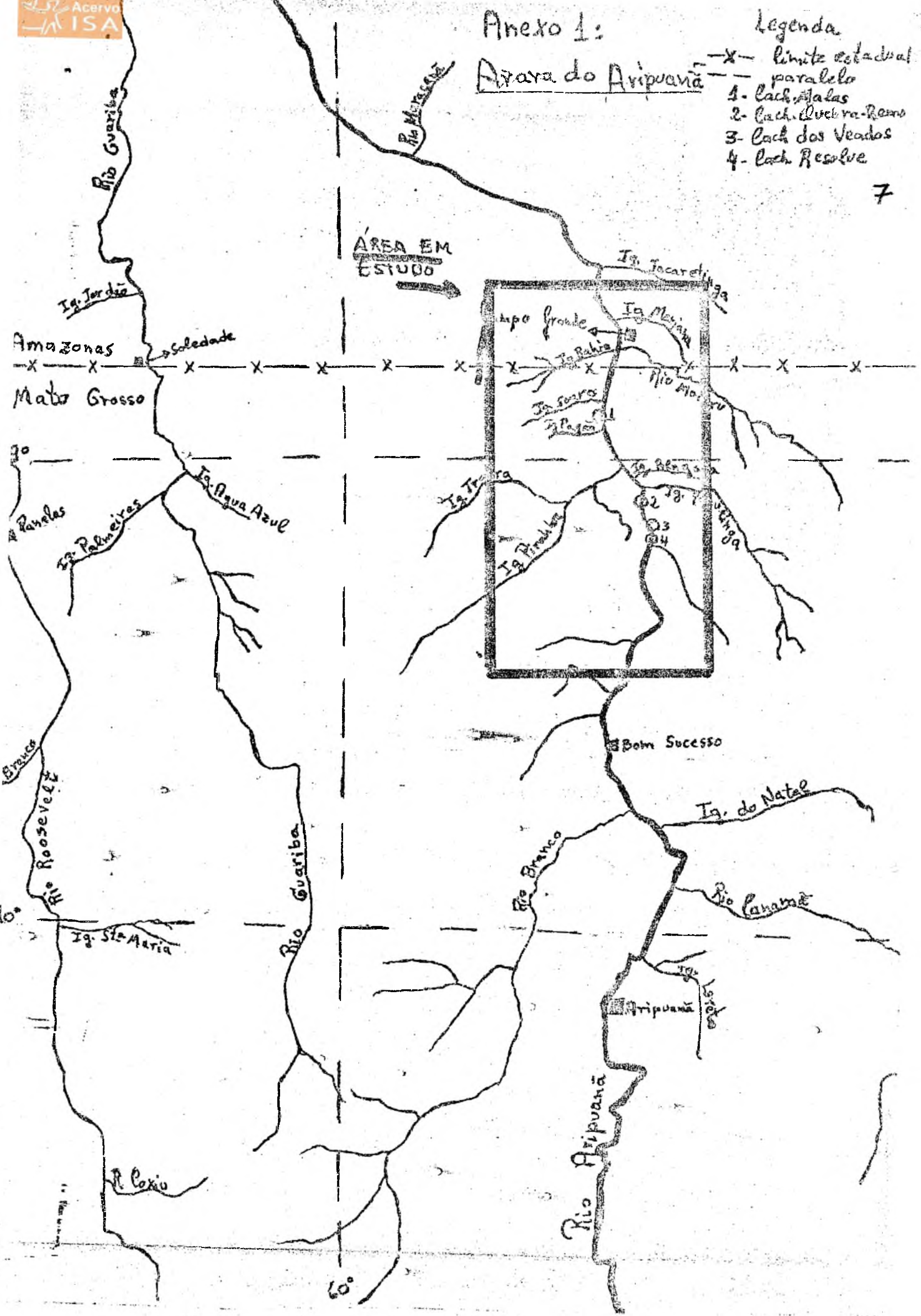
Pe. Manoel Valdez
pe. Manoel Valdez

p/ Equipe de Pastoral Indigenista
da Diocese de Ji-Paraná

Anexo 1: Açara do Aripuanã

- Legenda
- x- limite estadual
 - - - paralelo
 - 1- Cach. Águas
 - 2- Cach. Quebra-Remo
 - 3- Cach. das Veigas
 - 4- Cach. Resolve

7

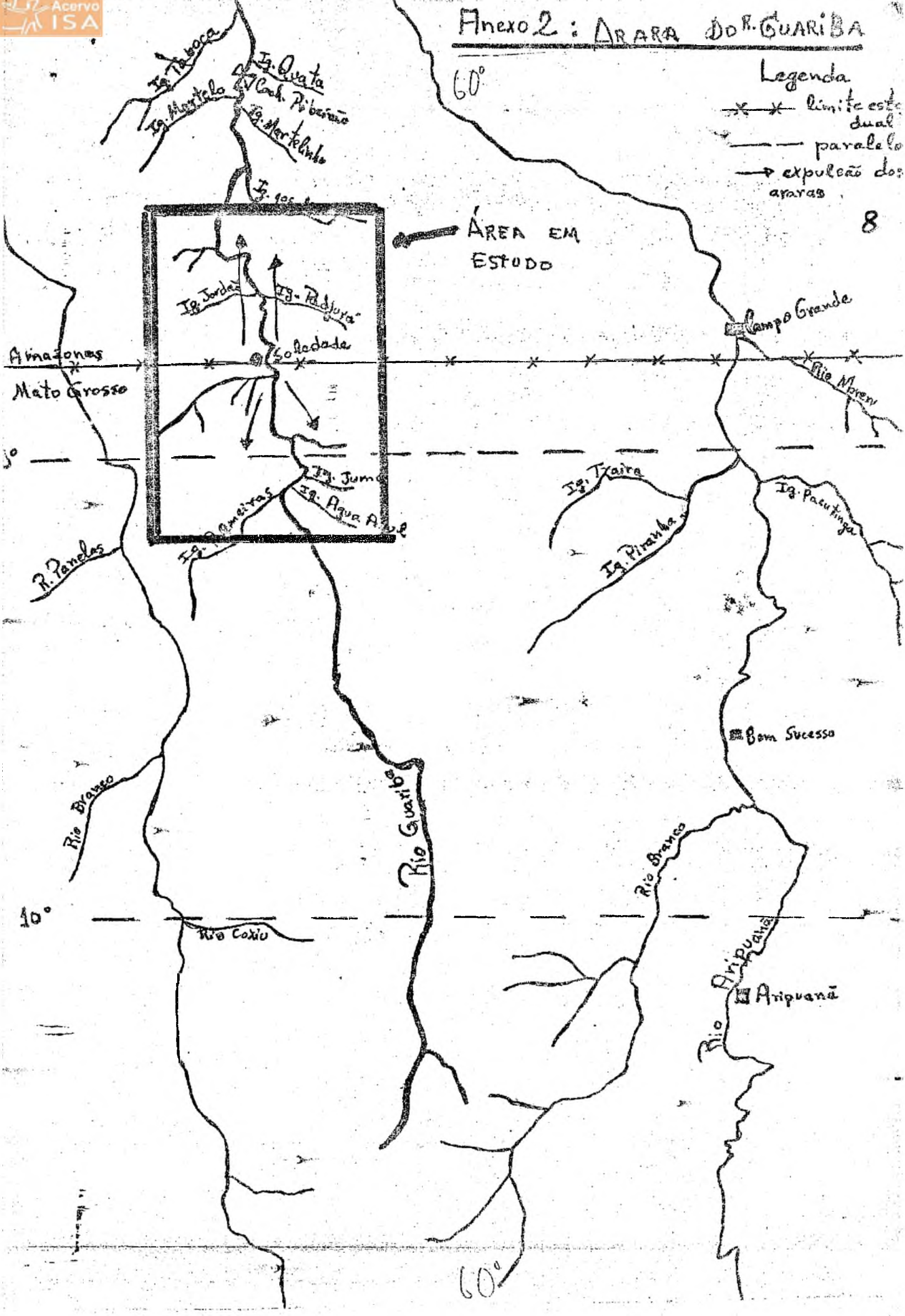


Anexo 2 : ARARA DO R. GUARIBA

Legenda

- x-x limite estadual
- paralelo
- expulsão dos araras

8



Anexo: nº 3
Relação da população ARARA

- 1- Índios Arara do rio Aripuanã
 - a) Campo Grande (AM.) - 3 famílias
 - b) Boca do Piranha (MT.) - 1 família
 - c) Boca do Pacutinga (MT.) - 2 famílias
 - d) Bom Sucesso (MT.) - 2 famílias
 - e) Rio Branco (MT.) - 1 família
 - f) Cidade de Aripuanã (MT.) - 2 famílias
 - g) Cidade de Ariquemes (RO.) - 2 famílias

- 2- Índios Arara do rio Guariba
 - a) Cidade de Aripuanã (MT.) - 2 famílias
 - b) Matá-Matá (AM.) - 2 famílias
 - c) Rio Guariba (MT.) - 5 famílias não visitadas

1- Índios Arara do rio Aripuanã

a) Campo Grande (AM.)

- 1- Adario 34 anos de idade
- 2- Rita 31 anos de idade

- 2- Raimunda 34 anos de idade
 - Chico 39 anos de idade
 - Claudeci 06 anos de idade
 - Aldeci 04 anos de idade
 - Claudeni 02 anos de idade

- 3- Ezilda 36 anos de idade
 - Oswaldo 34 anos de idade
 - Enilazo 03 anos de idade
 - Elizon 02 anos de idade
 - Evanilse 02 meses de idade

b) Boca do Piranha (MT.)

- 4- Nazario 39 anos de idade
 - Maria das Graças 30 anos de idade
 - Antonio 15 anos de idade
 - Ana 13 anos de idade
 - Raimundo 05 anos de idade
 - Eliezio 02 anos de idade

c) Boca do Pacutinga

- 5- Antonio Batista 44 anos de idade
 - Ivanice 34 anos de idade
 - Mã. Sebastiana 17 anos de idade
 - Francisco 16 anos de idade
 - Jader Rubens 15 anos de idade
 - Jacineide 13 anos de idade
 - Jacicleide 10 anos de idade
 - Ruberval 07 anos de idade
 - Rosalvo 05 anos de idade
 - Rosa 03 anos de idade
 - Rosangela 01 ano de idade

- 6- Lourenço 39 anos de idade
- Raimunda 36 anos de idade
- Filho ?
- Filho ?
- Filho ?
- Filho ?
- Filho ?
- Filho ?

Obs. Eles se negam a falar pela ameaça feita por pistoleiros

d) Bom Sucesso

- 7- Deoclécio 40 anos de idade
- Irene 35 anos de idade
- Maria preta 19 anos de idade
- Sandoval 18 anos de idade
- Marines 14 anos de idade
- Váldenor 05 anos de idade
- Aldenora 04 anos de idade
- Elivan Neto 02 anos de idade
- Raimundo 07 meses de idade

- 8- Eduardo 38 anos de idade
- Maria 36 anos de idade
- Raimundo 14 anos de idade
- Edinho 12 anos de idade
- Maria 11 anos de idade
- Eunice 07 anos de idade
- Sebastião 05 anos de idade
- Denis 01 anos de idade
- Denise 01 ano de idade
- Denilson 03 meses de idade

e) Rio Branco (MT.)

- 9- Guilhermina 80 anos de idade
- Sabá 60 anos de idade
- Zé Rapadura 30 anos de idade
- Nonato 15 anos de idade (filho adotivo)

f) Cidade de Aripuanã (MT.)

- 10- Ezídio 38 anos de idade (esposa falecida)
- Idelmar 17 anos de idade
- Marines 15 anos de idade
- Gesines 13 anos de idade
- Valdines 11 anos de idade
- Idelvar 06 anos de idade
- Gracines 04 anos de idade
- 11- Rodrigo 42 anos de idade
- Anita 36 anos de idade
- João 20 anos de idade
- Manoel 15 anos de idade
- Nonato 09 anos de idade
- Gracilene 02 anos de idade

g) Cidade de Ariquemes (RO.)

- 12- João 44 anos de idade
- Bibiana 38 anos de idade

Carlifos 23 anos de idade

13 Chaga 50 anos de idade

Neuza 26 anos de idade

Obs. O casal tem 3 filhos

2- Índios Arara do Rio Guariba

a) Cidade de Aripuanã (MT.)

14- Nazaré 66 anos de idade

esposo falecido

Francisco 50 anos de idade

Pedro não sabe a idade

Antonio não sabe a idade

Reinaldo não sabe a idade

Ermógeno 38 anos de idade

Virgílio (esposo atual) 62 anos de idade

Orlando 26 anos de idade

Miguel 24 anos de idade

15-Maria Chapuri 70 anos de idade

esposo falecido

Antonio Filho 36 anos de idade

Melquides 34 anos de idade

b) Mata-Mata (AM.)

16- José 85 anos de idade

Obs. segundo ele tem duas filhas casadas em Mata-Mata
que nós não as visitamos por falta de tempo

c) Rio guariba (MT.)

Obs. Tem 5 famílias que não foram visitadas .

VOCABULÁRIO 'ARARA' DO RIO GUARIBA

porquinho	bibekut
veado	tiap
porco grande	bebE
anta	wuasá
onça	beku
jacarim	tamali
nambu azul	wuanha
mutum	wakua
arara	awala
banana	bukuba
farinha	muiú
macaco quata	arimê
macaco barrigudo	masaikurê
galinha	aranha
dente	nuin
cachorro	awulú
gente civilizada	indjarei
pacu	burikabE
jacaré	wuaí
cobra	subú

III

III. AMOSTRA VOCABULAR DA LINGUA ARARA

Apresentamos aqui um pequeno vocabulário colhido com algumas pessoas, principalmente Rodrigo, João, Guilhermina e Nazaré, que ainda lembram da lingua. Salientamos apenas, que a fala da Nazaré difere dos outros, uma vez que é descendente do rio Guariba, por isso decidimos não incluir seus dados linguisticos na mesma lista, mas em separado.

Os símbolos usados nas transcrições apresentam, de um modo geral, os mesmos valores que os atribuidos na ortografia do portugues. Chamamos a atenção apenas para as seguintes convenções:

- |ɛ̃| é uma vogal central alta não arredondada
- |ɔ̃| é uma vogal central média não arredondada
- |ŋ| é uma consoante nasal velar sonora
- |dʒ| é uma consoante africada alveopalatal sonora

Vocabulário Arara (Yugapkatã)

A-	abacaxi azêdo _____	arurã
	abelinha _____	pitik
	abelha jandaira _____	arã
	água _____	adete
	algodão _____	britap
	andar ligeiro _____	kerip
	anta _____	muinhe
	aranha que morde _____	picho
	aranha branca _____	pichombã
	arapua _____	àbeka
	arara _____	kurót
	arco _____	brichak
B-	banana _____	ukuã
	banana em geral _____	kuenã
	barba _____	futá awa
	batata-doce _____	mbatin
	bicho _____	Atonha
	boca _____	mbeisau
	bolo de beijo _____	tukure
	braço _____	pika

branco de pau	manduani		
C- cabeça	nkubap	cabelo	mbiap
caititu	pirã	carã	tãbuia
caranguejo	pihubã	castanha	nowi
castanheira	nowip	cãu	erubêi
cintura	kupike	cãpã p/ cortos	ninhombã
chicha de patuã	arupetak	chotar	nowã
chuva	nãoi	cobra	mandopã
côco	paai	coisa nova	atoã
colar	nukait	comex	eruaie
comida boa	lakat	contelas	ngui
cuia	tlop	cutia	piyo
D- dedo da mão	piat	dedo do pé	upé
dente	noin	dor	lai
dormir	nuset		
E- embira	popé	espingarda	nãrdicã
está doendo	kumadzei	esteira de palha	nipe
estômago	orep	estrela	erua
F- fechar	urãpte	fígado	nupiton
flecha	mbaik	fogo	rekat
folha de banana	ngurep	folha de tabaco	mbiaba
fome	nuproia	frio	numpatê
frio ameno (morno)	umpotik		
G- galinha	krae	galho grande	nurukatapai
gato do mato	mburã	gato preto	hikope
goraura	urap	grande	pai
H- homem preto	ilape		
I- igarapê pequeno	itik	inteiro	toizã
is embora	...		
J- jabuti	ãberó	jacquin	tonowi
jacaré	awik	jacu	tuno
joelho	kerebãfi		
L- língua	mbekiat	lua	aitikapai
M- macaco barrigudo	pi tãa	macaco branco	piããiwak
macaco guariba	mbiripã	macaco cinza	kané
macaco prego	pi tãii	machaã	erua
maloca	niap	manã do mato	ngura
mandioca	mbiopa	mã	pai

	matar _____	ibã		mel _____	ara
	mel (dentro do pau) _____	urit		menina pequena _____	kãñ
	menino _____	mbaiãh		menino pequeno _____	me: onã
	metade _____	toi		milho debulhado _____	japit
	milho (pé) _____	wijap		morro _____	mbata
	mulher _____	wino		mulher casada _____	kunã
	mulher preta _____	piãiri		mutuca _____	kupan
	muçura _____	kaia			
N-	namú azul _____	ninhampé		namú galinha _____	ensiriqã
	namú da madrugada _____	berengã		nariz _____	auã
	nome próprio avô _____	tana		nome próprio avô _____	morinã
	nome próprio mãe _____	mória		neca _____	opipo
O-	olho _____	kapit		onça _____	mbêku
	onça pintada _____	mbêku kupé		orelha _____	mbesade
	osso (sem carne) _____	ikãe		ourá (pássaro) _____	tokurã
	ouvido _____	mbiku			
P-	pancero _____	ndirad		pancero p/ trans. _____	kakan
	panela de barro _____	mã		papagaio _____	coribã
	pássaro _____	labaga		pato do mato _____	pitita
	pato do rio _____	tupeia		patuã _____	arape
	pedra _____	ya		peixe _____	mbãkipiu
	pintado (peixe) _____	mbãripai		pena _____	prufab
	pênis _____	nuka		perna _____	ũke
	pés _____	mpiap		piãu (peixe) _____	asãt
	pilão _____	ã		piranha _____	mbãripi
	piriquito _____	kiri		piun grande _____	mbip
	piun pequeno _____	pikã		pote d'água _____	mukãñ
	pretina _____	rawã		quãquã _____	mbãmbã
Q-	quati grande _____	sip		quãti puru _____	nikonã
	quocizada _____	mbot			
R-	rede _____	apap		rato _____	mutóp
	roçado _____	ngã		revólver _____	mbrekatik
S-	sabiã _____	ndoi		saco _____	mburukã
	sangue _____	jet		sebra _____	nãu
	sol (quente) _____	qot		separar o fogo _____	mbôbô

T- tamandua _____ chikut
terçado grande _____ siripai
teto de palha _____ bia
tronco _____ jakupé
tucumã _____ areba

U- unha da mão _____ mpai

V- vagina _____ iñambe

Z- zangado _____ bridak

tatu _____ doi

terçado pequeno _____ siritik

toco (lenha) _____ ibeká

trovão _____ barãmbé

veado _____ chip